

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE:
MINHA JORNADA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NO CEAD – UFOP**

RENATO RODRIGUES DE SOUZA

**OURO PRETO
2024**

RENATO RODRIGUES DE SOUZA

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE:
MINHA JORNADA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NO CEAD – UFOP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Práticas Pedagógicas do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Helena Azevedo Paulo de Almeida

**OURO PRETO
2024**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729r Souza, Renato Rodrigues de.

Reflexões sobre a construção da identidade docente [manuscrito]:
minha jornada no curso de especialização em práticas pedagógicas no
CEAD-UFOP. / Renato Rodrigues de Souza. - 2024.
30 f.

Orientadora: Profa. Dra. Helena Azevedo Paulo Almeida.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro
Preto. Centro de Educação Aberta e a Distância.

1. Educação. 2. Professores - Formação. 3. Ocupações - Profissões. 4.
Pedagogia crítica. 5. Educação - Estudo e ensino - Práticas. I. Almeida,
Helena Azevedo Paulo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

RENATO RODRIGUES DE SOUZA

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: MINHA JORNADA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CEAD – UFOP

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista

Aprovada em 18 de outubro de 2024

Membros da banca

- Profa. Doutora Helena Azevedo Paulo de Almeida, Orientadora - Externo
- Prof. Doutor Jacks Richard de Paulo - Universidade Federal de Ouro Preto
- Profa. Doutora Márcia Ambrósio Rodrigues Rezende - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Doutora Helena Azevedo Paulo de Almeida, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/11/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Ambrosio Rodrigues Rezende, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/01/2025, às 13:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0811985** e o código CRC **7DD946A4**.

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre minha trajetória no curso de Especialização em Práticas Pedagógicas no Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A partir das disciplinas cursadas e dos debates realizados em fóruns e atividades, abordo o desenvolvimento da minha identidade profissional como docente. Discuto a importância da pesquisa na prática educativa, a relação professor-aluno, os desafios da formação docente, a organização do trabalho escolar e a inclusão educacional. Destaco como as experiências compartilhadas e os conhecimentos adquiridos ao longo do curso contribuíram para aprofundar minha compreensão sobre o papel do professor na sociedade e a necessidade de uma formação contínua e reflexiva. Concluo ressaltando a importância de uma prática pedagógica crítica e comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: Formação docente; Práticas pedagógicas; Identidade profissional; Educação; Reflexão crítica.

Abstract

This paper presents a reflection on my journey in the Specialization Course in Pedagogical Practices at the Center for Open and Distance Education (CEAD) of the Federal University of Ouro Preto (UFOP). Based on the courses taken and the debates held in forums and activities, I discuss the development of my professional identity as a teacher. I address the importance of research in educational practice, the teacher-student relationship, the challenges of teacher training, the organization of school work, and educational inclusion. I highlight how the experiences shared and the knowledge acquired throughout the course contributed to deepening my understanding of the teacher's role in society and the need for continuous and reflective training. I conclude by emphasizing the importance of a critical pedagogical practice committed to social transformation.

Keywords: Teacher training; Pedagogical practices; Professional identity; Education; Critical reflection. Introdução:

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Um Giro pelo Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas.....	10
2.1. Tendências da Pesquisa em Educação.....	11
2.1.1. Reflexões sobre a Escrita Autobiográfica.....	12
2.1.2. Professores como Pesquisadores.....	13
2.1.3. Desafios da Formação Docente.....	14
2.2. Sociologia e Cotidiano Escolar.....	17
2.2.1. Sociologia do Cotidiano Escolar.....	18
2.2.2. Relação entre Sujeito e Objeto no Processo Educativo.....	19
2.3. Práticas Educativas e Inclusão Escolar.....	20
2.3.1. Direito de Aprender e Educação Inclusiva.....	21
2.4. Organização do Trabalho Escolar.....	22
2.4.1. Distinção entre Trabalho Escolar e Trabalho Pedagógico.....	23
2.4.2. Função Social da Escola.....	24
2.5. Aspectos da História da Educação Brasileira.....	25
2.5.1. Educação do Campo.....	26
2.6. Profissão e Formação Docente.....	27
2.6.1. Desvalorização da Profissão Docente.....	27
2.6.2. Relação Professor-Aluno.....	27
2.6.3. Autoavaliação e Qualidade de Vida Profissional.....	28
3. Considerações Finais.....	29
4. Referências Bibliográficas.....	30

Introdução

Inicialmente, vou contar um pouco sobre minhas origens e raízes, para então descrever minha trajetória escolar até me tornar docente. Nasci em uma comunidade rural do município onde trabalho atualmente, vindo de uma família humilde e simples. Meus pais estudaram até o quarto ano do ensino fundamental, mas sempre nos incentivaram a estudar e concluir pelo menos o ensino médio. Assim, nos mudamos para Ponte Nova, onde passei minha adolescência.

Estudei sempre em escolas públicas. Fiz os anos iniciais em uma escola muito boa, da qual tenho ótimas recordações: das professoras que me ensinaram a leitura e a escrita, a fazer contas, das brincadeiras pelos pátios, da merenda, etc. Lembro do primeiro contato com aquele ambiente cheio de outras crianças, de agitação e alegria; parecia um outro universo que eu estava descobrindo, e era muito interessante. Eu gostava muito de estudar.

Aos onze anos, quando fui para o colégio, também estadual, mas muito diferente do grupo escolar anterior, senti uma certa estranheza e até um pouco de medo, pois ali já era um espaço muito maior, com muito mais alunos. A primeira lembrança que tenho é de uma sala lotada, com mais de cinquenta alunos de idades variadas, pois havia muitos repetentes. Os discentes dessa escola, em sua maioria, eram oriundos dos bairros mais carentes da cidade, e a escola tinha fama na época de ser perigosa e de baixa qualidade de ensino. Na quinta série (atual sexto ano), já fui reprovado; comecei a me perder naquele ambiente e acabei me tornando um "mau aluno" por influências e relaxamento, tanto que na série seguinte tive mais uma reprovação. A partir daí, por cobrança dos meus pais, tive que mudar meu comportamento e melhorar. Mas, ainda assim, não evoluí muito. Terminei o ensino fundamental e parei de estudar. Por questões familiares, voltamos para a zona rural e acabei perdendo mais dois anos. Por esse atraso, matriculei-me na EJA e fiz o ensino médio em menor tempo, pois já trabalhava durante o dia.

Aos 22 anos me mudei para a capital em busca um emprego e quem saberia uma profissão, mas fazer faculdade não estava nos planos, seria um objetivo muito distante para mim naquela época, pois apesar de possuir certa facilidade no aprendizado não tive uma boa base escolar para concorrer a um vestibular federal e tão pouco pagar uma particular. Tive a sorte de morar inicialmente com um casal de professores, Washington e Zilda, minha tia/madrinha e uma das pessoas que mais me incentivou e motivou a buscar algo melhor, e sempre acreditou na minha capacidade, com seu olhar de professora enxergou em mim e me ensinou a ver também que eu poderia ir bem mais longe do que pensava.

Em dois anos consegui passar em concurso público da prefeitura, e lá tive muitos incentivos a crescer profissionalmente, e na época que também foram criados o Enem e Pró Uni, foi quando surgiu a esperança de fazer um curso superior. Obtive uma nota razoavelmente boa que me permitiu ingressar em uma das maiores universidades privadas do país. No começo eu não sabia nem o que queria estudar, entrei no curso de Turismo, e tive a disciplina “Geografia do Turismo”, que me atraiu para a Geografia, e então consegui transferir de curso no semestre seguinte. Me apaixonei de cara, parecia que havia me encontrado ali. Meu curso tinha as duas modalidades, mas no começo me interessei mais pela área de pesquisas do bacharelado, e só depois resolvi terminar a licenciatura, como uma oportunidade a mais. Foi nas disciplinas de práticas de ensino e nos estágios que comecei a tomar gosto e pensar em seguir a profissão. Durante os 14 anos que estive morando fora, trabalhei a maior parte como servidor público, continuei sempre estudando para outros concursos buscando melhorar de cargo, e nesse período passei por três órgãos públicos.

Após três anos de formado e sem trabalhar como professor, retornei para minha cidade natal, já sabendo que haveria um concurso estadual para professores e tinha uma vaga para minha área na escola do meu município, e conquistando com mérito o primeiro lugar comecei minha carreira na prática docente, a qual pretendo me especializar e crescer cada vez mais. Hoje em sala de aula gosto de contar essa história aos meus alunos, principalmente para que saibam que mesmo sendo de famílias menos

favorecidas, estudando em escolas públicas eles irão ter sim mais dificuldades, mas com esforço e perseverança podem ir muito mais longe do que imaginam, basta acreditar em si. Essa é minha trajetória, e também é o que me motivou a trabalhar o tema escolhido para este trabalho.

- **Um Giro pelo Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas no CEAD – UFOP**

Ao iniciar o curso de especialização em Práticas Pedagógicas, desenvolvemos os estudos na disciplina proposta pela professora Márcia Ambrósio, intitulada "Tendências da Pesquisa em Educação". Na apresentação dessa disciplina, a professora nos ofereceu a leitura de um fragmento de sua tese de doutorado "A relação pedagógica e a avaliação no espelho do portfólio: memórias docentes e discentes", defendida em 2010. Nela, pode-se ler o seguinte:

Escrever sobre si é como entrar no palco; faz-se necessário conhecer os roteiros escritos para a peça, dialogar com o diretor e, ao mesmo tempo, adequar-se ao estilo de atuação dos outros atores, o que se pode chamar de instrumentos de orientação. Numa relação íntima com conhecimentos específicos fundamentais no que se refere às surpresas do ato de interpretar e às improvisações necessárias, um conjunto de saberes será revelado, anunciando o que favorece ou estorva durante a concretização da peça teatral. Numa analogia com uma apresentação teatral, a trajetória no doutorado – da construção do objeto de análise à escrita da tese – levou-me à apreciação de algumas cenas, contradições, desafios, medos, encontros e desencontros durante o percurso (AMBROSIO, 2010, p. 67).

Considerando a passagem acima, podemos traçar uma analogia com a minha trajetória nesse curso de especialização e como os debates travados nas disciplinas, nos fóruns, com os colegas e tutores, tanto no ambiente virtual quanto nos encontros presenciais, foram importantes para que eu entendesse o papel do professor na sociedade, além da minha própria atuação. Essa trajetória na vida docente, que é um caminho percorrido por tantos outros professores ao redor do país e do mundo, não é e

nunca foi fácil, mas sim repleta de questionamentos individuais e coletivos. É considerando isso que gostaria de falar sobre o desenvolvimento de algumas reflexões que fui construindo ao longo desse percurso.

Especificamente na disciplina "Tendências da Pesquisa em Educação", tivemos a oportunidade de nos apresentar aos nossos colegas no Fórum 1: "Conte-me sua história: 'escre(vidas)' docentes". Esse fórum foi importante, pois, mesmo que muitos de nós já nos conhecêssemos (às vezes de longa data), ali foi proporcionado um espaço de aprofundamento na trajetória de vida de cada um, o que muitas vezes o nosso dia a dia não permite. O "Memorial" escrito na inscrição do curso e trazido de volta para este texto como "Introdução" não tinha sido ainda compartilhado e lido coletivamente. Ali foi o início de nos (re)conhecermos como professores e sujeitos que já vinham trilhando uma história.

Essa sensação nos levou, a mim e à minha orientadora (Helena Azevedo Paulo de Almeida), a refletir junto com Maria Isabel Cunha a partir do texto *Conte-me sua história: 'escre(vidas)' das narrativas docentes e de pesquisa*:

Outra fundamental perspectiva, que compunha meu objeto de pesquisa, exigia um mergulho na cultura e história dos meus sujeitos. O que aconteceu na vida e trajetória deles que propiciou o fato de serem reconhecidos, por seus alunos, como bons professores? Por que, mesmo tendo uma origem similar, estabeleciam-se diferenças entre eles e seus desempenhos? Tais perguntas também invertem a lógica tradicional da teoria pedagógica, em que se tem uma tese a priori. Ao contrário, o não saber se constituía em um valor que mostrava ser interessante não somente conhecer regularidades na construção da docência, mas, antes disso, as trajetórias peculiares que dão a ela uma condição artesanal e única. E nisso entram os discursos, pois, para conhecer melhor os meus sujeitos, tive de ouvi-los por meio de um roteiro provocativo de relatos e de contação de histórias, episódios, enfrentamentos e alegrias. Enfim, tive de assumir o valor das emoções e da subjetividade como partes da construção de suas profissionalidades" (CUNHA, 2022, p. 5-6).

Considerando a pesquisa de Cunha, podemos refletir que essas trajetórias, consideradas peculiares por muitos profissionais, são, na verdade, as diversas realidades docentes enfrentadas por nós, professores. Assim, o compartilhamento de alegrias, vivências, experiências e também tristezas, agonias e ansiedades relaciona-se com as emoções carregadas, construídas e que formam o nosso caminho como educadores.

Dessa forma, nós, como mediadores de nossos estudantes na prática do ensino-aprendizagem, precisamos nos questionar e refletir: "Saber, conhecer, avaliar, por quê?", que foi o tema do segundo fórum da disciplina mencionada. Neste fórum, nos foi proposto:

Após refletir sobre os momentos (1º ao 3º), escreva um texto analisando a experiência do ponto cego, o vídeo 'Aprender a aprender' e o texto 'Saber, conhecer, avaliar, por quê?', fazendo uma relação com os princípios da educação humana (pesquisar, aprender, avaliar e transformar).

Considerando a orientação da atividade, minha reflexão transcorreu da seguinte forma: ao refletir sobre a experiência do ponto cego, percebemos que, se buscarmos enxergar por outro ângulo, teremos visões diferentes. O mais importante é que isso nos alerta para o fato de que estamos acostumados a pensar que nossos olhos veem tudo ao nosso redor, quando na verdade há sempre um ponto que fica oculto. Como relata o professor Manuel Palácios da Cunha e Melo (2004), "O fascinante dessa experiência é mostrar que 'não vemos que não vemos'". Além desse alerta contra nossa ilusão de achar que enxergamos tudo, também serve ao propósito de associar dois termos que nem sempre andam juntos: observação e reflexão.

O vídeo "Aprender a aprender" retrata muito bem os princípios da educação humana, mostrando como se dá o processo de construção do conhecimento. Ou seja, o professor atua como mediador e articulador da aprendizagem, aquele que não dá nada pronto para o aluno, mas o estimula a produzir e encontrar respostas, a se conhecer.

Nesse processo, os envolvidos ensinam e aprendem mutuamente, lembrando que não podemos desistir diante dos obstáculos e que todos somos capazes. Finalizando com o texto "Saber, conhecer, avaliar, por quê?", podemos concluir que os três momentos estão interligados, direcionando-se para a importância de pesquisar para conhecer; aprender para ensinar ou ensinar para aprender; e avaliar para, enfim, transformar.

A partir dessa noção de transformação, seguimos para o Fórum 3 da disciplina, que nos questionou se conseguíamos nos ver como pesquisadores, mais especificamente como professores pesquisadores. As provocações do fórum foram as seguintes:

Quem somos? Somos docentes pesquisadores(as)? Como desenvolvemos nosso fazer docente? Escrevemos sobre nossa prática? Conseguimos estabelecer uma relação entre conhecimento científico, a pesquisa educacional e a atividade profissional?

Podemos perceber que a disciplina nos mostra, ao longo de seu desenvolvimento e a partir da realização do memorial, como nos entendemos primeiro como indivíduos e sujeitos agentes na sociedade e como isso se relaciona com a nossa própria profissão, como profissionais da educação.

Considerando minha própria experiência como professor, acho importante destacar alguns aspectos que me chamaram a atenção na época do desenvolvimento da atividade, salientando, por exemplo, a importância do questionamento que o professor Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, junto a Tardif, propõe:

Partindo de uma ideia bem geral, podemos dizer que profissionais, no exercício de suas funções, produzem saberes que, embora baseados nos conhecimentos aprendidos nos cursos de formação, nascem da prática e da experiência de vida. (...) Em decorrência da relação desse tipo de saber com a prática, alguns estudiosos têm assinalado que os saberes profissionais são saberes de ação (...) que 'só têm sentido em relação às situações de trabalho e que é nessas situações que são construídos, modelados

e utilizados de maneira significativa pelos trabalhadores" (TARDIF apud GONÇALVES, 2006, p. 3).

A partir disso, compreendemos, na sessão anterior, a importância da pesquisa no âmbito escolar para orientar as práticas cotidianas, levando-se em consideração as peculiaridades de cada ambiente. Portanto, devemos nos indagar sempre sobre como desenvolvemos nosso fazer docente. Muitas vezes não escrevemos sobre nossa prática, não debatemos sobre ela e nem temos tempo para tal, ou não damos a devida relevância. Não percebemos, assim, a importância de compartilhar tais práticas de nossa profissão.

Primeiramente, devemos aprender a fazer essa relação entre a pesquisa educacional, o conhecimento científico construído ao longo do tempo— que varia de acordo com cada formação — e a nossa prática profissional. Além disso, é preciso dizer que os saberes não são apenas desenvolvidos na academia. Afinal, temos as epistemologias milenares de povos tradicionais que foram e continuam sendo a fonte das ciências contemporâneas. É preciso valorizar esses conhecimentos que são, infelizmente, muitas vezes relegados a espaços subalternizados. Dessa forma, ao invés de nos perguntarmos se tais docentes são pesquisadores, acredito que devemos nos reconhecer como tais, para que possamos nos perceber como pesquisadores que já somos.

Creio que este seja mais um dos muitos desafios da profissão docente: nos percebermos como pesquisadores, desenvolvedores de conhecimentos, mediadores culturais nos processos de ensino-aprendizagem, orientadores não só no conteúdo, mas na vida de tantos de nossos alunos. E é esse tema que nos leva ao Fórum 4 da disciplina: "Desafios da formação docente". Neste fórum, nos foi pedido para realizar uma reflexão a partir de uma entrevista com a professora Bernadete Gatti, especialista em formação de professores da Fundação Carlos Chagas. Na entrevista, realizada pela Revista Nova Escola, em 2008, a cada ponto citado pela professora Bernadete, fui relembando meus desafios desde o início da minha prática docente. É impressionante como me identifico.

Conforme citado por ela, primordialmente os professores devem saber claramente qual o papel da escola num contexto sociocultural, ou seja, conhecer a realidade da comunidade escolar na qual estão inseridos. Daí retornamos à importância da observação e reflexão, da pesquisa. São práticas que nem sempre estão nos currículos acadêmicos, pois ainda existe uma distância de comunicação entre os sistemas educacionais e as universidades: "Não sabemos de onde vêm os que formam professores; em sua maioria, não tiveram uma vivência em sala de aula", como bem coloca Gatti. Assim como em outras profissões, muitas vezes o aprendizado teórico não é suficiente para se executar um bom trabalho, e é aí que está mais um grande desafio do professor, de todos nós.

Eu vivenciei essa dissociação entre teoria e prática. Quando pisei em uma sala de aula pela primeira vez, fiquei completamente perdido. Com a prática, aprendi que devemos ter nossas aulas bem planejadas, mas, mais do que isso, estar preparados para lidar com situações surpreendentes todos os dias. E também é isso que nos move!

A partir dessas reflexões, o fórum seguinte da disciplina foi realizado com o intuito de iniciar o processo de planejamento do projeto de pesquisa, pensando na "Formação Docente e a Prática de Ensino", que foi minha proposta inicial. Minha inquietude veio ao escrever meu memorial docente e lembrar minha trajetória, desde o dia em que cogitei pela primeira vez ser um professor até os dias de hoje. Este exercício de traçar ponto a ponto cada fase, e principalmente no dia a dia escolar, fez-me perceber as dificuldades que nós, enquanto educadores, encontramos na profissão.

Buscando enxergar uma perspectiva do todo, sabemos que os alunos não alcançam o esperado ao terminar a etapa escolar. Então questionamos: onde está a deficiência neste processo? O que esperamos, ao fim, desses estudantes? O que esperamos de nós mesmos?

Podemos enumerar várias possibilidades de explicações e também sabemos que é um problema estrutural na educação do país. Mas, quando falamos dos profissionais da linha de frente, nós educadores, a questão é: estamos preparados? Podemos estar melhor preparados? Para conseguir o melhor potencial dos nossos alunos, não deveríamos ter a possibilidade de oferecer o nosso melhor?

A partir daí, abre-se um leque de indagações. Quando cito minhas memórias é porque me coloco como exemplo. Quando tomei posse para começar minha carreira em uma escola pública estadual, recordo que a então supervisora da época me fez esta pergunta: "Você está preparado?". Eu menti, dizendo que sim, pois sabia que não estava. Hoje, percebo que muitas dessas dificuldades que encontramos poderiam ser evitadas se, durante a formação, tivéssemos vivenciado mais práticas de docência, didáticas, por exemplo. Então, acredito que se deve debater mais sobre a formação em licenciatura, a fim de buscar uma reformulação curricular, quem sabe...

Não desmereço jamais a instituição na qual me formei; muito pelo contrário. Porém, falo enquanto professor do ensino médio e fundamental dos anos finais, cuja formação acadêmica está voltada ao conhecimento do conteúdo disciplinar. Isso, inclusive, pôde me favorecer teoricamente, mas a prática, para quem acabou de se formar, deixa a desejar. O curso de Especialização em Práticas Pedagógicas evidenciou ainda mais essa necessidade de uma didática diferenciada. A relevância e urgência desse debate são evidenciadas na melhoria da base educacional, uma vez que o professor é um dos atores principais no processo de ensino e aprendizagem com certeza, é o ator mais cobrado. Com uma melhor capacitação e tempo para tal, os profissionais da educação poderão contribuir mais na melhoria da qualidade educacional.

Finalizei a disciplina "Tendências da Pesquisa em Educação" com essas inquietações e iniciei a disciplina de "Sociologia e Cotidiano Escolar", oferecida pelo professor Adriano Lopes Cerqueira. Focarei aqui, a partir de agora, nos desenvolvimentos das atividades que se relacionaram diretamente com o

desenvolvimento deste trabalho. O fórum da Unidade II dessa disciplina foi apropriado para isso. Nele, nos foi proposto:

Tendo como referência a leitura desta unidade, identifique e discuta os elementos que estão incluídos na Sociologia do cotidiano e que contribuem para a construção do conhecimento sobre a realidade da escola.

No texto estudado intitulado de "Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola, a autora aponta que "os fenômenos educativos e não apenas uma divisão arbitrária disciplinar que não encontra eco nos processos sociais reais" (SPOSITO, 2003, p. 211).

Ela inicia explicando as divisões nos campos de estudos da sociologia, para então chegar aos pensadores que aplicam métodos sociológicos para investigar os fenômenos particulares do cotidiano educacional.

Contribuindo para o conhecimento da realidade escolar, a autora traz uma reflexão sobre a relação ou influência entre o cotidiano e as estruturas da sociedade, usando as práticas do dia a dia como campo de análise, tendo como exemplo obras de escritores, romancistas, músicos e sociólogos sobre o tema cotidiano. A sociologia do cotidiano escolar é construída por vários elementos, mas gostaria de destacar o elemento "espaço". O lugar onde tudo acontece, o espaço que é produzido pela interação social e que também interfere no modo de agir e pensar. Na escola, podemos observar como as relações se dão de forma distinta de acordo com o ambiente em que se desenvolvem. Exemplos: quadra esportiva, biblioteca, pátio, sala de aula... Em cada local, o comportamento é diferente. "Os espaços sociais não são dados, e sim construídos e reconstruídos" (CERTEAU, 1990).

Considerando isso, é importante ter em mente que o conhecimento é produzido a partir da interação do sujeito com o objeto. Sob a ótica sociológica, devemos pensar

então no processo de construção do conhecimento como algo que se dá no convívio entre os seres. Dentro do contexto escolar, o sujeito aluno obtém contato com o objeto conteúdo disciplinar através do mediador, o professor. A metodologia utilizada por esse mediador cria a pedagogia, ou seja, as diferentes formas de ensinar.

O texto "Pedagogia: a terceira margem do rio", de António Nóvoa, propõe um regresso ao início dos processos de ensino e aprendizagem para tentar explicar os desafios encontrados hoje. Segundo Nóvoa, é preciso refletir sobre os fracassos das pedagogias burocratizada, tecnocrática e científica. Ainda sobre essa viagem pedagógica, o autor destaca três pontos mais simbólicos para se debater: o conhecimento, a autoridade e o trabalho. Destes, aponto o primeiro como crucial, como retrata a frase citada neste mesmo texto do filósofo Alain: "Dizeis que para instruir é necessário conhecer aqueles que se instruem. Não sei. Talvez seja mais importante conhecer bem aquilo que se ensina". Acredito que, enquanto mediadores do processo, devemos conhecer bem ambos: sujeito e objeto.

Considero ser importante conhecer bem os dois, pois:

A Sociologia tem como objetivo o estudo da sociedade, isto é, da forma pela qual os homens vivem em grupo, das relações que estabelecem e das consequências dessas relações. A educação é um dos temas centrais da Sociologia, uma vez que por educação entendemos o resultado e a condição das relações entre os homens" (ABERTURA DO FÓRUM IV).

Assim, analisar e buscar compreender as relações sociais é de suma importância, não apenas para nos conhecermos, mas principalmente para nos transformarmos. Podemos tomar como exemplos o convívio de antigas sociedades e até mesmo, no meio natural, as formas de organização de algumas espécies animais. A Sociologia permite elucidar, esclarecer ao indivíduo seu papel, assim como seus direitos e obrigações enquanto membro de uma instituição. É importante lembrar que o regime civil-militar, instaurado no Brasil entre 1964 e 1985, retirou a Sociologia do currículo. Foram 21

anos de educação sem a disciplina, que poderia preparar os indivíduos para uma intervenção qualitativa no mundo e na política, como ressalta o autor Antônio Bosco de Lima em "Sociologia, uma ciência colocada a serviço da transformação da sociedade". Seguindo como referência este título, podemos dizer que é através da educação que a Sociologia consegue servir melhor à sociedade, conforme seu propósito.

Para relacionar os conteúdos estudados ao cotidiano, gostaria de falar mais especificamente da minha área, onde me sinto mais seguro. Antes de adentrar às minhas experiências, que têm suas especificidades e que irei discutir à frente, vamos buscar compreender o modelo atual do sistema educacional que se apresenta ou propõe, que se baseia no ensino neoliberal, conforme mencionado nos debates dos nossos fóruns. Educação esta que se pauta nas relações de poder, prioriza a competitividade e transforma o ensino em mercadoria. Ainda utilizando as discussões já apresentadas nos textos mencionados, principalmente a partir de Sposito, apresento então as aproximações e os distanciamentos da minha realidade.

Como disse inicialmente, das peculiaridades que cada escola ou instituição carrega, nossa comunidade escolar se apresenta como uma escola estadual "rurbana", termo que uso para exemplificar as origens dos alunos, pois se dividem entre os que residem dentro da cidade e os que vêm da zona rural, cujo território ocupa 80% do município. É importante ressaltar as dificuldades de locomoção, que causam alta infrequência e evasão. Fatores como total desinteresse na aprendizagem e o descrédito na educação por parte dos alunos também refletem diretamente na metodologia— ou na falta dela pelo corpo docente. Essa foi uma realidade, inclusive, vivenciada por cursistas do curso de especialização em que a modalidade EAD facilitou o nosso acesso, mesmo que os encontros presenciais ainda nos lembrassem dessa realidade de distanciamento geográfico.

Vivemos em um período que, na minha humilde opinião, deve ser um dos piores da história para a educação em geral. Uma geração que vive no meio virtual, não

valoriza o desenvolvimento de relações sociais, de convívio e vivência compartilhada. A interação professor/aluno está diferente, principalmente pós-pandemia, e ainda não nos adaptamos a essas mudanças. Este é mais um grande desafio contemporâneo no meio educacional.

É sobre a questão do convívio social que vejo o meu início na disciplina "Práticas Educativas e Inclusão Escolar", oferecida pelo professor Adilson Pereira dos Santos. Em uma das atividades a serem desenvolvidas, nos foi solicitado que discorrêssemos sobre a relação entre o direito de aprender e a educação inclusiva. Nesse sentido, penso que o direito de aprender os conteúdos das disciplinas, bem como o de convívio e interação social, é garantido por lei. No entanto, infelizmente, ainda temos uma lenta melhoria nesse sentido, por vários fatores como desinformação, falta de preparo dos profissionais e familiares, recursos materiais, infraestrutura principalmente na rede pública e falta de investimento na profissão docente.— Vivenciamos atualmente um "apagão" de professores, e isso se reflete no baixo número de ingressantes nos cursos de licenciatura e números ainda menores de egressos. Especificamente, o papel da educação inclusiva é tentar fazer valer esse direito através de ações que envolvam todos do ambiente escolar, até que as diferenças cheguem ao ponto da equidade, como deve ser e como é previsto pelo Plano Nacional de Educação:

O Plano Nacional de Educação (PNE) 2014 – 2024 busca, predominantemente em sua Meta 4, universalizar o atendimento escolar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, de preferência na rede regular de ensino. Os resultados da Meta revelaram, em diferentes faixas etárias, discrepâncias no acesso e na taxa de escolarização, de alfabetização e de analfabetismo entre a população com e sem deficiência. As diferenças observadas se acentuam na população com deficiência intelectual e motora. Tais dados corroboram a necessidade de reconstrução do modelo educativo escolar para a efetiva inclusão de pessoas com deficiência" (MORAES, 2017, adaptado).

Os debates sobre a inclusão, além de escancararem a necessidade da formação continuada e permanente do professor, nos mostram também a urgência de uma (re)organização do trabalho escolar, que foi o foco da disciplina da professora Inajara de Salles Viana Neves. A disciplina, conhecida amplamente como OTE (Organização do Trabalho Escolar), suscitou em mim várias indagações. Não só no sentido de entendimento do trabalho pedagógico, mas também nas possibilidades e potencialidades da escola como espaço libertador e, por que não, libertador através também da inclusão.

Vivemos a realidade de um sistema educacional que sempre privilegiou as classes mais favorecidas, e estamos sempre falando sobre a necessidade de mudanças. No entanto, quando essas mudanças acontecem, são muitas vezes de forma excludente e seletiva. Temos como exemplo recente a reformulação da estrutura curricular do novo ensino médio, que não considera as peculiaridades das nossas escolas e a própria falta de estrutura com que somos obrigados a lidar todos os dias. A organização do trabalho pedagógico pode contribuir muito para tentar amenizar essas lacunas deixadas pelo próprio sistema. Quando bem feita, tem a capacidade de adequar os processos de ensino conforme as necessidades. Mas é importante dizer que esse tipo de trabalho só pode ser feito de forma coletiva, em largo espectro: é a escola nas figuras dos professores, alunos e demais funcionários —junto às suas comunidades. Não há modificação educacional efetiva que seja de cima para baixo, sem a escuta dos professores de base.

Considerando isso, a prática do ensino precisa se relacionar com a educação para a vida, para a prática cidadã, e se distanciar de uma perspectiva tecnicista, voltada aos moldes de educação neoliberal, como já mencionado em outros momentos deste texto. Assim,

Faz-se necessário ter definidos os instrumentos de rotina diária na operacionalização do plano de ação da escola, com foco nas metas de aprendizagem dos estudantes. Instrumentos que subsidiem o planejamento e a avaliação das ações que estão em andamento, permitindo visualizar o que acontece e buscar estratégias adequadas para a

solução de problemas ou ajustes necessários. Considerando as diferentes instâncias de registro e análises, é necessário considerar a utilização de instrumentos para os diferentes profissionais envolvidos no processo de acompanhamento das aprendizagens: professores, supervisores, diretores e gestores educacionais. Tais instrumentos devem ser elaborados, organizados e utilizados com muita intencionalidade, tendo em vista a melhor maneira de informar e documentar, gradativamente, a progressão das aprendizagens dos estudantes e melhoria dos índices educacionais" (ARAÚJO, 2021, p. 11).

Ter instrumentos do plano de ação definidos em sua rotina diária, de acordo com a organização dos trabalhos, é muito importante quando se almejam bons resultados em meio a todas as dificuldades e limites impostos pelo sistema. O mais importante instrumento, na minha concepção, é a formação de uma comunidade escolar sólida, com diálogo e contato o mais próximo possível com as famílias responsáveis pelos alunos. Exemplo evidente dessa importância foi o período da pandemia, que trouxe desafios que não poderiam ser enfrentados pela escola sem esse contato com a comunidade escolar.

A relação entre professores e as comunidades em que atuam demonstra, assim, a ampliação do entendimento do trabalho escolar, visto que a participação, envolvimento e diálogo entre professor e espaços/lugares partem do princípio democrático. Dessa forma,

A defesa dos princípios democráticos como orientadores da organização do trabalho pedagógico impõe reconhecer a insuficiência deles, no contexto da democracia contemporânea, para assegurar a necessária ampliação do exercício coletivo de tomada de decisões democráticas no âmbito da escola pública. Tal afirmação equivale a dizer que, nas escolas públicas, o exercício democrático tem sido muito fragilizado por uma série de determinações,

pois há mudanças que demarcam contemporaneamente o significado da democracia" (TAVARES PUGLIELLI SANTOS, 2022, p. 3).

Ainda é necessário fazer a distinção entre organização do trabalho escolar e organização do trabalho pedagógico. Este último é voltado para o desenvolvimento curricular, através de estratégias de aprendizagem em busca de alcançar metas determinadas, restringindo-se aos objetivos das ideias dominantes de cada época e sociedade. Como na concepção de Marx, quando afirma que as classes dominantes decidem a educação, o trabalho pedagógico reflete os interesses dessas classes.

Quando falamos da organização escolar, tratamos de uma esfera maior, que abrange todos os espaços daquele ambiente e vai além dos seus muros. Referimo-nos a todas as pessoas e fatores envolvidos no processo: familiares, funcionários da escola, infraestrutura, distribuição das salas, tempos escolares, meios de locomoção, distância, alimentação; enfim, o contexto social do público escolar, ou seja, tudo que envolve a vida escolar. Nesse viés, vamos ao encontro do texto "Função social da escola e organização do trabalho pedagógico", de José Geraldo Silveira Bueno, que ilustra bem a escola enquanto instituição formadora de cidadãos, de pensadores críticos capazes de entender o mundo em que vivem e de interferir e participar das mudanças necessárias para a melhoria de suas condições função essa que está para além da engessada estrutura curricular.

Vale lembrar que não devemos generalizar a situação educacional do país. Sempre que discutimos sobre os problemas, estamos nos referindo ao meio carente, às escolas inseridas em contextos específicos de "desfavorecidos", visto que a realidade é muito diferente na esfera privada e nos centros urbanos. Tratamos aqui da escola pública do ensino fundamental de periferia, para onde devem ser direcionadas as ações. Acredito que, para que a escola possa alcançar bons resultados, devemos ter como princípio educativo o fortalecimento da instituição e a aproximação com sua realidade,

pois cada uma tem suas características e peculiaridades. Os profissionais envolvidos devem ser preparados e capacitados para enxergar a educação em outro patamar e buscar outros meios de promovê-la, que vão além da transmissão de componentes curriculares.

Esses espaços escolares carentes, como mencionado acima, também retratam a Educação do Campo, tema abordado na disciplina "Aspectos da História da Educação Brasileira", oferecida pela professora Janete Flor de Maio. Um aspecto importante na disciplina, e muito próximo à realidade das cidades de Santa Cruz do Escalvado e Rio Doce, foi pensar a atuação de professores nas escolas do campo.

Eu, particularmente, nunca trabalhei diretamente no campo, mas sim em uma escola onde estudam muitos alunos de comunidades rurais. Meu conhecimento sobre a educação no campo vem da história dos meus pais, que na adolescência estudavam em locais que não eram exatamente escolas, mas espaços cedidos em fazendas ou algo parecido, geralmente alfabetizados por alguma professora voluntária, pois não existiam instituições de educação específicas para aquela população. Meu pai, com um pouco mais de esforço do meu avô, que o levava a cavalo até a cidade, conseguiu frequentar um grupo escolar.

Quando falamos em educação no campo, a primeira coisa que vem à mente é a falta de cultura educacional, pois se trata de pessoas carentes de recursos, e a principal preocupação é a sobrevivência: conseguir comer e vestir-se primeiramente, e pouquíssimos teriam a oportunidade ou o privilégio de buscar algo a mais. Hoje, gosto de fazer essa reflexão com meus alunos sobre como foi com seus pais e avós, e como é com eles hoje em dia. Eles moram em comunidades rurais, mas possuem transporte, alimentação, uniformes e materiais para estudar, mostrando uma realidade completamente diferente. O intuito é despertar a valorização da educação por parte deles e fazer com que acreditem na oportunidade que estão tendo como forma de transformar suas vidas.

Vejo a última disciplina do curso como o fechamento do próprio TCC, pois, ao mesmo tempo em que terminávamos mais uma etapa do curso de especialização, eu também começava a tecer minhas reflexões de maneira mais organizada. Mais uma vez oferecida pela professora Márcia Ambrósio, a disciplina "Profissão e Formação Docente" nos trouxe algumas inquietações, talvez mais incorporadas por mim pelo objetivo do meu trabalho final.

No Fórum 1, a professora Márcia escancarou o grande problema da desvalorização da nossa profissão, tema que, acredito, nenhum professor tenha deixado de pensar em algum momento de sua trajetória profissional. Em compensação, nós próprios fazemos um movimento de tentar valorizar o nosso trabalho diário, como aponta Helena Azevedo Paulo de Almeida no texto "Da EaD à Quarentena: reflexões sobre a intelectualidade, conhecimento e espaços virtuais" (2021):

Assim, pensar a EaD é também pensar o momento de contingência que estamos vivendo, de afastamento social em favor da vida. É também pensar que, em muitas localidades do país, as pessoas vivem em situações mais ou menos extremas 365 dias ao ano, com dificuldade de acesso não só à educação, mas também ao sistema de saúde, de transporte, com dificuldade de acesso à alimentação e saneamento. O retorno que as Universidades públicas fazem ao redor do país, em âmbito educativo, é a contribuição à continuidade de formação para estudantes e professores dos cantos mais remotos do país, onde a fisicalidade das instituições públicas de ensino ainda não conseguiu alcançar. Ao conectar o ensino superior público aos alunos e professores de todo o país, demonstramos o que as Universidades Federais e Estaduais produzem de melhor: conhecimento e acesso" (PAULO DE ALMEIDA, 2021, p. 24).

Dessa forma, antes da reflexão, acho importante direcionar os adjetivos dados à profissão em questão. Nossa profissão é, então, admirada por quem, e desvalorizada por quem? Acredito que a grande maioria das pessoas a quem você perguntar vai dizer que

admira muito, que é a "mãe" das outras profissões, pois sem professores não se aprende. Agora vamos ao fator valorização: como ela é vista perante a sociedade e pelos próprios alunos? Claro que existem vários pontos de vista, alguns mais pessimistas, outros nem tanto, e consideremos também as diferentes sociedades que se alteram no tempo e espaço. Por exemplo: "Na minha época, o professor era respeitado; a educação era o maior desejo de todos, e poucos tinham acesso" todos já ouvimos frases parecidas.

Falando como professor da educação básica da esfera pública na atualidade, sou visto em casa como um "sofredor" por quem acompanha meu dia a dia corrido, com horas a fio corrigindo trabalhos, provas, planejando aulas, fechando diário muitas vezes aos finais de semana. Pelos alunos, acredito que sou admirado e respeitado mais pelo lado pessoal. Porém, não sou visto como inspiração a seguir como profissão; a docência está cada vez mais distante dos anseios dos estudantes, obviamente pela situação em que se encontra. E, por fim, na minha opinião pessoal, posso dizer que não sei até quando vou levar adiante o prazer por lecionar, pelos vários motivos já expostos; a missão de ensinar e construir conhecimentos está cada vez mais complicada.

Já no Fórum 2 da disciplina, fomos interpelados pelas seguintes perguntas: Qual leitura podemos fazer sobre a relação professor/aluno no contexto da sala de aula? De que forma são tratados os conflitos presentes em sala de aula? Como se desenvolve a relação com o conhecimento? Como o professor revela seus procedimentos avaliativos?

Começo, então, pela questão da relação professor/aluno, pois essa vai determinar todas as outras. Essa é uma relação muito importante, mas que, no entanto, não somos orientados a desenvolver ao longo das licenciaturas. Acho que depende muito de cada professor(a) e das características de cada escola, mas acredito que, primeiramente, essas relações vão sendo desenvolvidas a partir da forma como cada um trabalha.

Alguns mantêm uma estrita relação profissional. Eu, no entanto, aposto numa relação de proximidade. Acho importante conhecer bem cada um e conquistar a

confiança deles; isso facilita no comportamento disciplinar e automaticamente favorece o aprendizado. Ainda precisamos lembrar que, como foi desenvolvido ao longo de todo o curso de especialização em Práticas Pedagógicas, é preciso entender a trajetória dos alunos, suas dificuldades e anseios, ao mesmo tempo que compartilhamos sonhos, como nos foi demonstrado desde a inscrição do curso.

Partindo dessa premissa de trabalhar entendendo cada aluno como sujeito social e com características próprias, já alcançamos as outras hipóteses de soluções quando tratamos dos conflitos e dos métodos de avaliação que deverão ser desenvolvidos de acordo com as especificidades e necessidades de cada indivíduo. Só assim será possível desenvolver a construção dos conteúdos em si, onde desenvolvemos a relação com o conhecimento. Muitos professores reclamam que gastam a maior parte do tempo de aula tentando estabelecer a ordem e a disciplina em sala, e a aula em si fica em segundo plano. Por isso, aposto na boa relação com os alunos: você tem a possibilidade de construir respeito, ganhar tempo e evitar o desgaste emocional. Com isso, não quero dizer que cabe exclusivamente ao professor essa dinâmica. É preciso sempre ressaltar que os estudantes (e nós mesmos, como professores/estudantes do curso de especialização) somos agentes na sociedade e sujeitos de nossas ações. A relação entre professor e aluno é mútua, e não cabe apenas ao professor a responsabilidade de estabelecê-la.

Considerando isso, no primeiro momento da atividade do "Relógio Corporal", escolhi uma foto com alguns alunos(as) da primeira turma com a qual trabalhei, substituindo férias. Foram apenas três meses de convivência, e no meu último dia eles fizeram uma despedida para mim. Isso ficou marcado pelo carinho que senti por parte deles; com toda simplicidade, me transmitiram um afeto muito grande.

Considerações Finais

Finalizo aqui com o desenvolvimento da autoavaliação da disciplina, como "reorganização da sua qualidade de vida—pessoal e profissional". A autoavaliação é uma ferramenta importante que devemos utilizar em nossas vidas; falo isso sempre para meus alunos, pois nos leva ao auto conhecimento. Questionar-se sobre seu modo de agir e viver nos leva a refletir em busca de melhorias. O curso de Práticas Pedagógicas e as atividades desenvolvidas ao longo de todo o desenvolvimento das disciplinas me levaram a intensificar minha reflexão, que já vinha sendo exercida, sobre o espaço que o professor ocupa na sociedade.

A atividade do relógio corporal foi uma ótima forma de enxergar como organizamos, ou não, nosso dia a dia. Eu, particularmente, não sou muito metódica, ou talvez minha metodologia seja viver um dia de cada vez. No âmbito pessoal, busco sempre priorizar minha saúde física e ter uma boa convivência com meus familiares e amigos. No profissional, tenho muitas dúvidas em relação ao meu futuro e ao futuro da minha profissão, mas tento não me preocupar tanto. Estou tentando fazer o melhor que posso, com as condições que tenho; assim, mantenho minha consciência tranquila e consigo ter pelo menos a sensação de satisfação do dever cumprido.

Referências Bibliográficas

AMBRÓSIO, Márcia. A Relação Pedagógica e a Avaliação no Espelho do Portfólio: memórias docente e discente. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2010.

AMBRÓSIO, Márcia; PIMENTA, Viviane Raposo. Escre(vidas) docentes: as rochas do conhecimento. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

ARAÚJO, Francisco de Assis Amorim de. Gestão Escolar: a organização do trabalho pedagógico. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 7, n. 2, fev. 2021.

BUENO, J. G. S. Função social da escola... Educar. Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, p. 101-110, 2001.

CUNHA, Maria Isabel. Conte-me sua história: "escre(vidas)" das narrativas docentes e de pesquisa. In: AMBRÓSIO, Márcia. Tendências da Pesquisa em Educação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

MARX, Karl. A ideologia alemã (I-Feuerbach). 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MORAES, Louise. A Educação Especial no Contexto do Plano Nacional de Educação. Brasília: Inep/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017.

NÓVOA, António. A terceira margem do rio.

PAULO DE ALMEIDA, Helena Azevedo. Da EaD à Quarentena: reflexões sobre intelectualidade, conhecimento e espaços virtuais. In: NETO, Alaim de Souza; BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio (Org.). O que é ser professxr?. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. Revista USP, São Paulo, n. 57, p. 210-226, mar./maio 2003.